

DO BECO AO BELO: dez teses sobre o regionalismo na literatura

Ligia Chiappini

Introdução

Esta introdução talvez fosse dispensável, mas como as dez teses apresentadas a seguir foram escritas e lidas para um público de especialistas em literatura, por ocasião do II Simpósio Luso-Afro-Brasileiro, ocorrido na Universidade de Lisboa em abril de 1994, e como agora elas se dirigem a historiadores e cientistas sociais, vale a pena historiar um pouco do percurso que me levou a pensá-las, explicando algumas intenções e alusões.

Há muitos anos trabalho com o regionalismo literário. No início, com escritores e obras da literatura gaúcha,¹ depois, ampliando meu interesse para os vários regionalismos brasileiros;² mais recentemente, no âmbito da literatura comparada, confrontando essa tendência em diferentes literaturas da Europa e das Américas, do romantismo aos nossos dias.³

Um levantamento bibliográfico feito em 1992-93 e o contato com vários especialistas no assunto em diversas universidades européias confirmaram uma sus-

peita: a de que o regionalismo, que setores da crítica literária brasileira consideravam uma categoria ultrapassada, continuava presente e, até mesmo, tinha-se tornado tema de pesquisas muito atuais, ganhando uma amplitude maior na intersecção dos estudos literários e artísticos, históricos e etnológicos. E de que, naturalmente, o incremento de tais estudos se devia, em grande parte, ao reaparecimento dos regionalismos, como decorrência só aparentemente paradoxal da chamada globalização.

José Carlos Garbuglio, professor de literatura brasileira na USP, hoje aposentado, escreveu certa vez que o regionalismo tinha "fôlego de gato". Pois o que minha pesquisa constatou é que isso não ocorre só no Brasil. O regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento – ou seja, como manifestação de grupos de escritores que programaticamente defendem sobretudo uma literatura que tenha por ambiente, tema e tipos uma certa região rural,

em oposição aos costumes, valores e gosto dos cidadãos, sobretudo das grandes capitais – quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus autores.

O estudioso da ficção regionalista e dos manifestos e polêmicas que a cercam também se sente contagiado pela persistência do objeto, dedicando seu tempo a um tema fora de moda, pesquisando autores fora de moda, representantes de uma estética fora de moda. Mas, exatamente por isso, porque não se deixou enganar pelo aparente simplismo dessa tendência, hoje volta à moda meio sem querer, só porque permanece intrigado pelas questões teóricas, estéticas e éticas que o regionalismo não deixou de levantar ao longo de, pelo menos, um século e meio.

Mas remar contra a maré sempre traz um certo mal-estar. E só recentemente eu percebi que esse mal-estar tinha muito a ver com uma divisão que o mesmo regionalismo provoca no pesquisador: entre o desagrado ante a maior parte das obras dessa tendência, porque estreitas, esquemáticas, pitorescas, superficiais e condenadas “ao beco que não sai do beco e se contenta com o beco”, no dizer de Mário de Andrade,⁴ e a atração que exercem sobre ele principalmente aquelas que conseguem superar as dificuldades próprias do projeto regionalista e que, como tal, ganham o estatuto de obras-primas tão ou mais significativas esteticamente do que qualquer romance ou conto urbano com pretensão cosmopolita.

Esse mal-estar, de certo modo, gerou estas teses, onde tento problematizar juízos críticos estereotipados que generalizam para a tendência como um todo as limitações estéticas e ideológicas da maior parte, reconheço, das obras que o regionalismo tem produzido. Pois não dá para postular que tudo na tendência é tendencioso ou que tudo aí é caiporismo e con-

servadorismo. As teses convidam a relativizar esse juízo, fundadas no seguinte argumento: se é verdade que o regionalismo como movimento e criação de obras serviu a políticas nacionalistas estreitas e totalitárias, como à do “Sangue e Solo” de Hitler ou à da “França Profunda” de Vichy, não é menos verdade que também tem, nesses e em outros países, contestado essas mesmas políticas e aproximado solidariamente o leitor da cidade do homem pobre do campo, auxiliando-nos a vencer preconceitos, respeitar a diferença e alargar nossa sensibilidade ao descobrir a humanidade do outro de classe e de cultura.

Na mesma linha, as teses levantam ainda um problema elementar mas crucial para pensar a questão: em vez de explicar a obra regionalista bem realizada, negando sua relação com o regionalismo para afirmar imediatamente sua universalidade, seria preciso enfrentar, pela análise trabalhosa de cada caso, a questão de como se dá a superação dos limites da tendência, de dentro dela mesma, pela potencialização de suas possibilidades artísticas e éticas, isto é, como se resolve em cada caso, o problema já enunciado claramente por George Sand em seus prefácios, e reenunciado, entre nós, com clareza de mestre, por Antônio Cândido há quase trinta anos: criar uma linguagem que suprisse com verossimilhança a assimetria radical entre o escritor e o leitor cidadão em relação ao personagem e ao tema rural e regional, humanizando o leitor em vez de aliená-lo em relação ao homem rural representado. Ou, nos termos em que a escritora francesa enunciou esse problema em meados do século passado, fazer um narrador ou um personagem falar como se à sua direita tivessem um parisiense e à sua esquerda um camponês.⁵

Tanto no caso de George Sand quanto no de Antônio Cândido, o que se enfatiza é a relação inextricável entre o ideológico e o estético. Ou seja, ambos evidenciam

que o único modo de não distanciar preconceitosamente o leitor do homem do campo que essa ficção quer retratar é estabelecer pela arte uma ponte amorosa que lhe permita sair dos seus guetos citadinos, comunicando-se com e aprendendo sobre outros tantos becos deste mundo.

Na verdade, a história do regionalismo mostra que ele sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização. Ele é, portanto, um fenômeno moderno e, paradoxalmente, urbano. No Brasil, não foi diferente. Já tive ocasião de mostrar⁶ que a primeira geração modernista saudou a modernização endossando o gosto e os valores daqueles que lucravam com ela, sem atentar para as dores, desvalores e desgostos dos que com ela perdiam. Daí inclusive o entusiasmo um tanto ingênuo da primeira hora que fez Guilherme de Almeida fazer do regionalismo o principal alvo a atacar em suas conferências pelo Brasil, como defensor da "cruzada nova", por volta de 1925. Daí o ataque violento do próprio Mário de Andrade ao regionalismo como "praga nacional", juízo que ele iria relativizar na maturidade.

Uma das conclusões que se pode tirar dessa história do regionalismo brasileiro é que a transição difícil nos reajustes sucessivos da nossa economia aos avanços do capitalismo mundial se trama de modo específico e a literatura tende a recontar o processo ora como decadência ora como ascensão, ora com pessimismo, ora com otimismo, dependendo de que lado está: da modernização ou da ruína. Quando consegue superar o otimismo autocentrado das elites ganhadoras ou o simples ressentimento das frações perdedoras, expressando o modo como o pobre "paga o pato" em um e outro caso, ela supera também os limites estreitos da ideologia, para virar forma de conhecimento e vivência solitária dos di-

ferentes problemas do homem pobre brasileiro.⁷

São essas algumas das questões em jogo nas teses, que apareceram assim como um esforço de síntese, tentando deixar claro o que já ficou menos obscuro para mim, depois de tantos encontros, desencontros e reencontros com escritores, obras e movimentos regionalistas. Elas são o marco, portanto, de um ponto de chegada da pesquisa, mas também um desafio e um ponto de partida, pois o que se impõe daqui para a frente é estudar pelo menos alguns casos exemplares, do presente e do passado, do Brasil e do exterior, que possam concorrer concretamente à demonstração dessas teses ainda um tanto hipotéticas enquanto não for feito esse novo trabalho que continua a exigir muito fôlego da crítica.

Teses

1. A obra literária regionalista tem sido definida como "qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais",⁸ definição que alguns tentam explicitar enumerando tais peculiaridades ("costumes, credences, superstições, modismo"⁹) e vinculando-as a uma área do país: "regionalismo gaúcho", "regionalismo nordestino", "regionalismo paulista"... Tomado assim, amplamente, pode-se falar tanto de um regionalismo rural quanto de um regionalismo urbano. No limite, toda obra literária seria regionalista, enquanto, com maiores ou menores mediações, de modo mais ou menos explícito ou mais ou menos mascarado, expressa seu momento e lugar. Historicamente, porém, a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades lingüísticas.

2. Há quem vincule o regionalismo literário à tradição greco-latina do idílio e da pastoral. Mas é em meados do século XIX, com George Sand na França, Walter Scott na Inglaterra e Berthold Auerbach na Alemanha, que essa tradição é retomada na forma de romance regionalista que, daí para a frente, começa a viver da tensão entre o idílio romântico e a representação realista, tentando progressivamente dar espaço ao homem pobre do campo, cuja voz busca concretizar paradoxalmente pela letra, num esforço de torná-la audível ao leitor da cidade, de onde surge e para a qual se destina essa literatura. À tensão entre idílio e realismo correspondem outras constitutivas do regionalismo: entre nação e região, oralidade e letra, campo e cidade, estória romanesca e romance; entre a visão nostálgica do passado e a denúncia das misérias do presente.

3. Regionalismo na literatura, como tema de estudo, constitui um desafio teórico, na medida em que defronta o estudioso com questões das mais candentes da teoria, da crítica e da história literárias, tais como os problemas do valor; da relação entre arte e sociedade; das relações da literatura com as ciências humanas; das literaturas canônicas e não-canônicas e das fronteiras movediças entre elas. Estudar o regionalismo hoje nos leva a constatar seu caráter universal e moderno. Surgindo como reação ao iluminismo e à centralização do Estado-nação, hoje se reatualiza como reação à chamada globalização. Se, para um pensamento não-dialético, a chamada "aldeia global" suplantou definitivamente a "aldeia" e tudo o que dela fale e por ela se interesse, a dialética nos faz considerar que a questão regional e a defesa das particularidades locais hoje se repõem com força, quanto mais não seja como reação aos riscos de homogeneidade cultural, à destruição da natureza e às dificuldades de vida e trabalho no "paraíso neoliberal". (Por isso o regionalismo lite-

rário hoje, em muitos países, inclusive aqui, reaparece discutindo questões de identidade problemática e de ecologia.)

4. Com a modernização das técnicas agrícolas, o êxodo rural, o desenvolvimento das cidades e de uma literatura urbana, o regionalismo tem sido visto como ultrapassado, retrógrado, localismo estreito e reacionário tanto do ponto de vista estético quanto do ideológico. Essa crítica esquece, no entanto, que ele é um fenômeno eminentemente moderno e universal, contraponto necessário da urbanização e da modernização do campo e da cidade sob o capitalismo. Por isso, continua a existir e a dar frutos como uma corrente temático-formal contraditória onde têm lugar os reacionários e os progressistas; os nostálgicos, os xenóforos mas também os inconformados com a divisão injusta do mundo entre ricos e pobres. Uma corrente que deu origem a grandes obras, como as de Faulkner, Verga, Rulfo, Carpentier, Arguedas e Guimarães Rosa.

5. Do ponto de vista dos estudos literários, o regionalismo é uma tendência temática e formal que se afirma de modo marginal à "grande literatura", confundindo-se freqüentemente com a pedagogia, a etnologia e o folclore. Certos autores de textos de reconhecida qualidade estética não tinham intenção de ir além do testemunho, do registro de contos e lendas orais, ou, quando muito, de fazer história. É o caso, no Brasil, de um João Simões Lopes Neto ou de um Euclides da Cunha. Os críticos costumam menosprezar o regionalismo por essa impureza, julgando-o também conservador tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista ideológico. Campo minado de preconceitos, o regionalismo se presta a equívocos da crítica. Esta quando encontra um bom escritor na tendência trata de relativizar, de apagar o parentesco, utilizando outra nomenclatura (a moda hoje é "sense of

place", nos Estados Unidos; já foi "super-regionalismo" no Brasil, onde em breve será "regionalismo cósmico", o que é previsível dado o grande prestígio do crítico Davi Arrigucci Jr. que acaba de utilizá-la também referindo-se a Guimarães Rosa num brilhante ensaio sobre *Grande sertão: veredas*).¹⁰

6. É compreensível o esforço da crítica para excluir da tendência os grandes autores, já que nela o número de obras literariamente menos expressivas talvez seja maior que em outras, porque proporcional ao grau de dificuldade que a especificidade da empresa do regionalismo literário implica. O argumento da crítica para assim fazer é que a qualidade literária de suas obras os elevaria do regional ao universal. Mas freqüentemente ela esquece que é o seu espaço histórico-geográfico, entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal. O problema não nos parece tanto distinguir os tipos de regionalismo mas distinguir, como em qualquer tendência, as obras boas das más, esteticamente falando. Nestas, o efeito sobre os leitores será acanhado como soarão acanhados o espaço, os dramas, os caracteres, a linguagem, o pensamento e as idéias. Naquelas, necessariamente, por menor que seja a região, por mais provinciana que seja a vida nela, haverá grandeza, o espaço se alargará no mundo e o tempo finito na eternidade, porque o beco se transfigurará no belo e o belo se exprimirá no beco.

7. Só podemos sustentar que um Faulkner ou um Guimarães Rosa são regionalistas, se entendermos que o regionalismo, como toda tendência literária, não é estático. Evolui. É histórico, enquanto atravessa e é atravessado pela história. Um escritor da literatura fantástica que escreva hoje como Poe ou como os romancistas do gótico certamente será tido como epígo-

no, extemporâneo e *démodé*. Da mesma forma, um escritor regionalista que escreva hoje como George Sand ou como Verga. O defeito não está em George Sand nem em Verga, nem na tendência regionalista, mas na falta de cultura, de esforço e de "desconfiamento" para superá-los, superando as dificuldades específicas da ficção regionalista, que eles enfrentaram cada um a seu modo, com os recursos de suas respectivas épocas.

8. É importante distinguir o regionalismo como movimento político, cultural e, mesmo, literário, das obras que decorrem deste direta ou indiretamente. Muitas vezes programa e obra mantêm uma relação tensa, quando não se contradizem abertamente, exigindo uma análise das distintas mediações que relacionam a obra literária com a realidade natural e social. O regionalismo, lido como movimento, período ou tendência fechada em si mesma num determinado período histórico em que surgiu ou alcançou maior prestígio, é empobrecedor: um *ismo* entre tantos.

O regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais, expressando uma região para além da geografia, é uma tendência que tem suas dificuldades específicas, a maior das quais é tornar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público citadino e preconceituoso que, somente por meio da arte, poderá entender o diferente como eminentemente outro e, ao mesmo tempo, respeitá-lo como um mesmo: "homem humano".

9. O defeito que muitas vezes a crítica aponta no escritor regionalista, do pitoresco, da cor local, do descritivismo, foi a seu tempo uma dura conquista. Da mesma forma, na pintura, só depois de pintar com perfeição a figura, o pintor pode aludir a

ela por traços, cores e luzes; só depois de descrever como quem pinta uma paisagem, o escritor pode indicá-la pela alusão, conseguida seja por imagens, seja pela sonoridade e ritmo, seja pelo modo de ser e de falar das personagens. Em qualquer dos casos, o grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear, que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas. Mas a região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país. O mundo narrado não se localiza necessariamente em uma determinada região geograficamente reconhecível, supondo muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia ficcional.

Trata-se, portanto, de negar a visão ingênua da cópia ou reflexo fotográfico da região. Mas, ao mesmo tempo, de reconhecer que, embora ficcional, o espaço regional criado literariamente aponta, como portador de símbolos, para um mundo histórico-social e uma região geográfica existentes. Na obra regionalista, a região existe como regionalidade e esta é o resultado da determinação como região ou província de um espaço ao mesmo tempo vivido e subjetivo, a região rural internalizada à ficção, momento estrutural do texto literário, mais do que um espaço exterior a ele.

10. Se o local e o provincial não são vistos como pura matéria mas como modo de formar, como perspectiva sobre o mundo, a dicotomia entre local e universal se torna falsa. O importante é ver como o universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste e permitindo a este superar-se como concreto na generalidade daquele. Desse modo, as "peculiaridades regionais" alcançam uma existência que as transcende. Assim, espaço fechado e mundo, ao mesmo tempo objetivos e subjetivos, não necessitam perder sua amplitude simbólica. A função da crítica

diante de obras que se enquadram na tendência regionalista é, por isso, indagar da função que a regionalidade exerce nelas; e perguntar como a arte da palavra faz com que, através de um material que parece confiná-las ao beco a que se referem, algumas alcancem a dimensão mais geral da beleza e, com ela, a possibilidade de falar a leitores de outros becos de espaço e tempo, permanecendo, enquanto outras (mesmo muitas que se querem imediatamente cosmopolitas, urbanas e modernas) se perdem para uma história permanente da leitura.

Notas

1. Especialmente em *Regionalismo e modernismo: o "caso" gaúcho* (São Paulo, Ática, 1978) e *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto* (São Paulo, Martins Fontes, 1988).

2. Ver especialmente o ensaio "Velha praça? Regionalismo literário", (org.), *América Latina, palavra, literatura e cultura* (São Paulo, Memorial da América Latina/Ed. da Unicamp, 1994, v. 2).

3. Trata-se de uma pesquisa em andamento que pretende desenvolver o ensaio acima, reescrevendo a história do regionalismo brasileiro, sob o horizonte da história de outros regionalismos europeus e americanos. Estas teses pontuam algumas questões introdutórias a esse trabalho.

4. Mário de Andrade, "Regionalismo", em *Diário Nacional* (São Paulo, 14 fev. 1928).

5. Antônio Cândido, "A literatura e a formação do homem", em *Ciência e Cultura* (São Paulo, n 24, 24 set. 1972), p. 803. George Sand, prefácio ao romance *Françoise le champi*.

6. Ver texto citado na nota 2.

7. Idem, *ibidem*.

8. A definição é de Lúcia Miguel Pereira em *História da literatura brasileira, prosa de ficção de 1870 a 1920* (Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1973), p. 179.

9. Conforme Caio Porfúrio Carneiro, em "Ficção regional brasileira", *Anais do I Encontro de Literatura Brasileira* (São Paulo, Câmara do Livro).

10. "Sense of place" é um termo que aparece em várias publicações sobre o assunto. No livro de Nordstrom Lars, *Theodore Roethke, William Stafford, and Gary Snyder: the ecological metaphor as transformed regionalism* (Uppsala, University of Uppsala, 1989), a expressão é atribuída a escritores novos que a utilizariam com o intuito explícito de diferenciar-se dos velhos regionalistas do "local color" norte-americano. "Super-regionalismo" é uma expressão que Antônio Cândido, no texto já citado, utilizou para distinguir a obra de Guimarães Rosa como estando dentro e fora da nossa tradição regionalista. Num artigo ainda inédito ("O mundo misturado, romance e experiência em Guimarães Rosa"), Davi Arrigucci Jr. preferiu utilizar o termo "regionalismo cósmico" que Harry Levin emprega para "designar a tendência de Joyce de lançar o leitor dos subúrbios de Dublin à órbita das sete esferas". Há, ainda, quem utilize a expressão "hiper-regionalismo" com a mesma acepção. Esse esfor-

ço para destacar do regionalismo a obra esteticamente significativa é válido se considerarmos o quanto o termo regionalismo está carregado de conotações que acentuam a visão preconceituosa da tendência, mas a mudança de terminologia não resolve o problema, apenas perpetua a insuficiência da reflexão sobre a sua especificidade, como já ocorre no texto hoje clássico de Mary Rohrberger, "The question of regionalism: limitation and transcendence", em Philip Stevick, *The American short story 1900-1945: a critical history* (Temple University, Twayne Publishers, 1984), que desenvolve uma longa e confusa argumentação, com base em critérios estruturais muito fracos e discutíveis, para excluir Faulkner, Steinbeck e outros grandes autores norte-americanos do regionalismo literário.

(Recebido para publicação em maio de 1995)

Ligla Chiappini é professora titular de teoria literária e literatura comparada na USP.